Doi: dx.doi.org/10.17921/2525-5320.2016.249-259

UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE AS PESQUISAS EM TORNO DO LIVRO DIDÁTICO, TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E O ENSINO DE HISTÓRIA

Kauana Candido Romeiro* - UEL

Palavras-chave: Ensino. História. Livros-Didático. Tecnologias.

INTRODUÇÃO

Existe uma variedade de temas e objetos entre as teses e dissertações encontradas, mas há um denominador comum entre elas: as investigações tiveram como foco a sala de aula, a apropriação, os usos que os professores fazem do livro didático. Há trabalhos, também, sobre as posturas e relações entre os professores e as tecnologias de informação e comunicação e mídias, assim, como pesquisas sobre o uso destas na aprendizagem histórica.

Estes trabalhos trazem contribuições sobre a prática docente dos anos iniciais e finais do ensino fundamental sobre o livro didático, ou ainda sobre o uso das mídias (entende-se aqui os vídeos, os filmes e o laboratório de informática), ou do *blog* como ferramenta pedagógica. Há, ainda, análises do mercado editorial brasileiro do livro didático.

Como resultado da pesquisa empreendida no banco de teses e dissertações da CAPES², assim como no Google, pode-se encontrar 13 trabalhos, entre teses e dissertações, englobando as palavras-chaves, livro didático; ensino de história; tecnologias; mídias: uma tese da UNICAMP; dois trabalhos da USP (uma dissertação e uma tese); uma dissertação da UFRGS; outra dissertação, esta da UEL; uma tese apresentada na PUC; uma dissertação vinda da Universidade Católica Dom Bosco, de Mato Grosso do Sul; duas pesquisas da UFMG (uma tese, e uma dissertação); uma dissertação da UEMG; duas dissertações da UFSC, uma dissertação da UERJ.

DESENVOLVIMENTO

Um amplo horizonte: as pesquisas sobre o livro didático de história na sala de

* E-mail: kauanacandido@yahoo.com.br

² Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

aula

Ao olhar para pesquisas sobre o livro didático de história depara-se com uma pesquisa, muito citada em diversas teses e dissertações, a de Aléxia Franco, *Apropriação por professores das séries iniciais do ensino fundamental nas escolas públicas de Minas Gerais*, que foi apresentada na UNICAMP, em 2009. Esta tese abordou os limites e as possibilidades dos livros didáticos das séries iniciais em romperem com a tradição, de se ensinar, ainda, Estudos Sociais, nesta fase escolar.

Para isso, Franco (2009) observou quatro turmas da 3ª série do ensino fundamental I, no ano letivo de 2005. Contou, também, como fontes secundárias, com as propostas de gestores das políticas educacionais. Como resultado, notou a permanência dos Estudos Sociais nas práticas docentes de professores, sem formação específica em história. E, sobre os livros, uma coleção de livros de história, *Viver e Aprender História*, mostrou, ainda, as limitações do próprio livro didático, utilizado pelos professores, em não conduzir para a formação do pensamento histórico.

Outra tese, de 2009, *Usos do livro didático de História: entre práticas e representações*, da Universidade Federal de Minas Gerais, de Araci R. Coelho, se debruçou sobre os usos do livro didático- a Coleção Horizontes, os livros *História como Reflexão*- na sala de aula. Esta pesquisa, também, investigou o ensino fundamental I, turmas de 4º e 5º séries.

Coelho (2009) observou as práticas de leitura, e, chegou à conclusão que o uso do livro didático ainda se aproxima muito da antiga disciplina de Estudos Sociais, muito próxima com geografia. Apesar dos professores afirmarem que utilizavam o livro didático em conjunto com outros materiais.

Artes de fazer o ensino de História: professor, aluno e livro didático entre os saberes admitido e inventivo, uma dissertação da Universidade Estadual de Londrina, concluída em 2012. Tendo, como objeto de pesquisa, uma grande aproximação com as demais teses aqui apresentadas: o uso do livro didático na aula de história. Por meio de um estudo de caso, utilizando entrevistas e grupos focais, Jeferson R. da Silva promoveu a investigação no sentido de perceber o uso do livro didático, em questão o *Projeto Araribá: História*, no ensino e aprendizagem dos alunos e na prática do professor. Um fator diferencial se dá por conta da série estudada, antiga 7ª série, atual 8º ano.

Silva (2012b) percebeu que não há uma reprodução mecânica dos textos do livro

didático, compreendendo que cada aula, cada prática, seria única, contingentes, e assim, complexas.

Outra dissertação que também se direciona para a sala de aula é a de Luísa T. Andrade, *Aula de história: cultura, discurso e conhecimento*, defendida na Universidade Federal de Minas Gerais, em 2006. Nela, Andrade pesquisa a sala de aula, por meio da etnografia interacional. Também, se baseou em Bakhtin ao tratar dos enunciados, das falas e sinais empregados e característicos da sala de aula. Descreveu algumas aulas de história do 2º ano do Ensino Médio numa escola estadual, tendo em foco: o professor e sua dinâmica discursiva, e os alunos, nas operações cognitivas desenvolvidas e ativadas, em sala de aula.

A pesquisadora pode concluir que os alunos que não participavam da aula eram os que apresentavam as menores médias. Também, percebeu que a fala dos alunos não se relacionava com reportagens da televisão e de outras mídias da educação, fechando-se aquele conteúdo. E, que nas aulas observadas a compreensão histórica foi privilegiada em detrimento da construção do conhecimento histórico. A compreensão histórica seria um conhecimento fundado no genérico, e não aprofundado, por meio da argumentação, intuição, síntese e análise (ANDRADE, 2006).

Sobre o mercado editorial dos livros didáticos: pesquisas em torno deste horizonte

Caminhando para outros rumos, um trabalho da Escola Politécnica da USP, *Servitização no mercado brasileiro de livros didáticos: implicações organizacionais para as editoras* investigou o mercado editorial dos livros didáticos no Brasil.

Silas Júnior (2011), ambientado no programa de mestrado em Engenharia, buscou entender as mudanças organizacionais nas editoras de livros didáticos brasileiras. A partir dos ajustes ao modelo de “servitização” externo no Brasil, a proliferação de serviços oferecidos pelas editoras se manifestou no oferecimento de serviços integrados: logística, entrega de produtos e produção, além do fator diferencial, aliado a tal conceito: o suporte ao cliente.

Um dos resultados desta servitização foi a aproximação e aprofundamento do relacionamento com seus clientes. Proporcionando o aumento da digitalização dos conteúdos e o uso da internet na distribuição de conteúdo e no relacionamento com os clientes. Estas editoras, ainda, procuraram integrar profissionais com experiência

no “chão” da escola. A vivência no ambiente escolar seria um dos critérios para a contratação destes autores e editores de livros didáticos (FERREIRA JÚNIOR, 2011).

Direcionando o olhar sobre o mercado editorial, outra pesquisa se despontou: *O mercado do livro didático no Brasil: da criação do PNLD⁴ à entrada do capitalismo internacional espanhol (1985-2007)*. Tese citada em outros trabalhos já descritos, vinda da PUC-SP⁵. Cassiano (2007) apresentou como ocorreu à transição dos grupos editoriais familiares aos oligopólios grupos empresariais. Com o governo Fernando Henrique Cardoso, a economia foi aberta para o capital externo, motivando, ainda mais, os investidores espanhóis. Grupos já instalados na América Latina e Caribe encontraram, aqui, no Brasil um mercado com alta demanda- governamental- de livros didáticos.

Grupos como Abril, Saraiva, com alto poder de investimento, tomou como estratégia de mercado o aumento da prestação de serviço (a “servitização”, como Silas (2011) conceituou em sua dissertação). A pesquisadora trouxe, ainda, uma análise dos 20 anos de PNLD, de 1985 a 2007.

Cassiano (2007) pesquisou, também na Espanha, e concluiu que estes materiais didáticos oferecem uma padronização cultural, pois circulam entre continentes, e tratam o conteúdo de maneira homogênea e globalizada. Esta conclusão oferece subsídios para pensar uma possível homogeneidade de conteúdos presentes em diferentes livros didáticos e suas propostas.

Tais trabalhos sobre as editoras brasileiras nos ajuda a entender o lançamento das edições renovadas de coleções, o tratamento dos conteúdos de história, a circulação deste material nas escolas e pelos professores, e o universo envolvido pelos autores ou organizadores do livro didático.

Outra pesquisa sobre livro didático é a de Yara Alvin, *O livro didático na batalha de ideias: vozes e o saber histórico no processo de avaliação do PNLD*. Uma dissertação de 2010, defendida na UFJF⁶, oferece uma análise do PNLD de 2005 e 2008, apresentando a diversidade teórica das coleções, além de alguns dados biográficos dos profissionais que realizaram as avaliações dos catálogos. Alvin (2010) concluiu que os catálogos oferecem uma pluralidade de teorias, disputas narrativas, avaliações como exercício de produção de conhecimento histórico.

⁴ Programa Nacional do Livro Didático.

⁵ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

⁶ Universidade Federal de Juiz de Fora

Aprofundar os conhecimentos sobre o PNLD é um objetivo importante para pesquisas em torno dos livros didáticos, no sentido, de entender o funcionamento da produção deste material, pois as editoras dependem deste programa para entrar no catálogo de escolha dos professores.

Outros horizontes: o ensino de história e as tecnologias da informação e comunicação (TIC)

Investigando sobre o ensino de história e as tecnologias, outros trabalhos apareceram no banco da CAPES. Assim, *Riscos e bordados: o ensino de história e as tecnologias de informação*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de 2004, Marta Leivas investigou sobre a relação entre professores e as tecnologias de informação e comunicação, no ensino de história. Para isso, Leivas (2004) ofereceu um curso de formação continuada para seis professoras de história. Este curso girou em torno da questão da hipertextualidade, pluralidade, da rede e a utilização de ambientes virtuais de aprendizagem para as aulas de história.

Outra pesquisa, que se assemelha com a anterior, é a da Sidnéia C. de A. Fernandes, *Tecnologias de informação e comunicação no ensino de história*, da Universidade católica Dom Bosco, apresentada em 2012. Esta analisou a postura dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) sobre as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação). Além disso, coletou, a partir de entrevistas semiestruturadas, as concepções dos professores de história sobre estas tecnologias. Os dados sinalizaram a falta de formação continuada dos professores para fazer uso destes recursos, e mostraram as inúmeras barreiras para utiliza-las, por exemplo, na restrição ao uso do laboratório de informática, em alguns dias e horários.

Estas dissertações, Leivas (2004) e Fernandes (2012), podem auxiliar a entender a relação que os professores têm com as tecnologias da informação e comunicação trazidas pelos livros didáticos (os objetos educacionais digitais, ou os conteúdos digitais; sobre os *sites* listados e utilizados nas atividades; e os trechos de textos do meio eletrônico utilizados em conjunto com os conteúdos nos livros didáticos).

Além disso, estes dois trabalhos, se complementam, pois, a pesquisa de Fernandes (2012) apresentou a concepção dos professores, e a questão da falta de formação sobre estes instrumentos tecnológicos. Já no trabalho de Leivas (2004) pode-se estabelecer a relação entre a formação continuada, proporcionada pela

pesquisadora, e o resultado do curso para as professoras. Leivas (2004) apontou que as professoras foram afetadas pelo curso, positivamente, possibilitando descobertas em relação ao mundo virtual, provocando um desassossego na prática docente, em absorver e manter um maior contato com o mundo virtual.

Outra investigação se aproxima com os trabalhos acima descritos, sobre as mídias, ao analisar o uso da videoteca e do laboratório de informática por professores da rede municipal e estadual numa mesma escola, em Florianópolis. A dissertação de Lenice da Silva, de 2011, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), esclareceu sobre a relação das mídias e a educação, e seu uso por professores de diferentes séries da educação básica.

Conceituada pela autora, (SILVA, 2011) as mídias seriam todo suporte e recurso de difusão e veiculação de informação (rádio, televisão, jornal). Além disso, também é um meio de organizar informação, em um aparato físico (CD, DVD, *tablets* etc). As tecnologias são instrumentos, técnicas que nos ajudam a realizar algo que precisamos. E, o uso, e o não uso destes instrumentos foi um dos focos desta pesquisa.

Esta investigação se aproximou muito do resultado do trabalho de Fernandes (2012), o qual os professores revelaram que falta de conhecimento para utilizarem as mídias presentes na escola. Além disso, também não as viam como fonte de conhecimento. Nesta colocação a pesquisadora revelou que tal ideia ocorre em razão da falta de criatividade e criticidade do professor ao pensar nas mídias.

Outra pesquisa que se alinha as propostas acima seria a dissertação de mestrado em Engenharia de produção da UFSC: *Professores analógicos e professores digitais: a prática docente frente às inovações tecnológicas*. Valenska Suavi (2004) pesquisou sobre a eficácia do programa ESPIN (Espaço Pedagógico Informacional) implantado pela Secretaria Municipal de Educação de Brusque. Tal programa, conforme a pesquisadora apresentou, proporcionou a 44 professores, que lecionavam do 1º ao 4º ano de escolas municipais, uma série de equipamento: gravadores de CD-ROM, digitalizadores de vídeo e som, TV, internet. Além disso, também ofereceram um professor, denominado “motivador”, para capacitar os professores para usarem as ferramentas.

O resultado da observação e de entrevistas realizadas com os professores revelou que o professor “motivador”, foi centralizado no ensino e aprendizagem. Os professores se sentiram inibidos a utilizarem os equipamentos, e passaram a

responsabilidade do uso destes instrumentos a estes professores. (SUAVI, 2004). Assim, o desafio, na visão de Suavi (2014), não foi à falta de formação continuada, pois esta foi oferecida pelo governo, mas sim, a ausência de pensar as tecnologias com criatividade e buscando-a para inseri-la em sua prática docente.

A pesquisa de Suavi (2014), recente, mostrou que nem sempre o maior impedimento ou problema, ao não se usar as tecnologias da informação e comunicação, está na formação continuada ou na ausência destes produtos na escola. Mas, sim, a questão se dá na inserção de tais instrumentos na vida dos profissionais de educação. E, isto requer a formação de um hábito, desde a faculdade e no dia-a-dia. Pois, se algo que não está presente na formação inicial, não está inserido na vida cotidiana do indivíduo, dificilmente tal hábito de concretizará imposto por leis, implementações governamentais ou apenas de cursos de curta duração.

Outra dissertação da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), intitula-se *Caderno virtual: a potencialidade das TICE no ensino de história*, de Herbert de O. Timóteo, de 2012. A abreviatura TICE indicou a abordagem sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação aplicadas a Educação, no estudo de caso, o pesquisador utilizou o *blog*, como ferramenta tecnológica, como foco no estudo. Assinalou que tal empreendimento seria uma estratégia pedagógica de aproximação entre professores e alunos.

Para a pesquisa, Timóteo (2012) acompanhou uma turma do 9º ano, observando as aulas mediadas pela tecnologia e as convencionais. Também, utilizou questionários e entrevistas para consolidar sua análise. Por meio da pesquisa, Herbert Timóteo (2012) pode constatar que o *blog* e todo o ambiente virtual possibilitou um maior diálogo entre a turma e o professor. Funcionou para publicar trabalhos, rememorar conteúdos trabalhados, e por meio dos comentários e postagens foi possível perceber as operações cognitivas da turma. Mas, em vários momentos houve a necessidade da interferência do professor, em orientar os comentários para os temas relacionados, e não em divagações entre os colegas. Assim, o ambiente virtual complementou a sala de aula, não substituiu o professor e tornou a aula, o conteúdo, e o convívio entre os colegas mais agradável.

Mais uma pesquisa que dialogou com o meio virtual é *O pensamento histórico em redes hipertextuais*, um trabalho de doutorado, de Murilo J de Resende, do ano 2013, da USP. Teve como foco o tratamento que os alunos ofereceram para as informações colocadas na rede virtual. Investigou, com isso, as operações cognitivas

do pensamento histórico dos alunos ao fazer uma pesquisa histórica na *web*, como os critérios de seleção, busca, leitura, e a articulação da narrativa histórica, que os alunos manifestam na *web*, e como tudo isso resultou num trabalho de pesquisa.

A pesquisa histórica teve como tema os movimentos juvenis na contemporaneidade, e como resultado os estudantes, por meio de um *software* específico, apresentaram vídeos e *slides* para responderem a pesquisa. E, Resende (2013) concluiu que os estudantes tiveram um olhar aguçado e com empatia frente este mundo de informações, selecionando-as a partir de um acontecimento, cronologia ou mudanças e continuidades. Ampliando a visão de mundo dos estudantes e no reconhecimento de informações na rede.

CONCLUSÃO

Este panorama traçado, a partir de um levantamento bibliográfico, sobre as pesquisas atuais sobre o livro didático e o ensino de história, pode ser utilizar algumas observações de Choppin (2004). Este pesquisador discutiu o estado da arte dos temas pesquisados nos anos 60, sobre os livros didáticos. E, por meio desta discussão pode concluir que as pesquisas giravam em torno do: foco sobre os livros didáticos como agentes formadores de opinião, cultura; da abordagem sobre cada local, região que um determinado livro didático era usado, estabelecendo relações com outros locais e países.

E, elencou duas grandes categorias de pesquisa: pesquisas que tomam o conteúdo do livro didático como documento histórico, para perceber ausências ou as informações expostas. “[...] a história que o pesquisador escreve não é, na verdade, a dos livros didáticos: é a história de um tema, de uma noção, de um personagem, [...] apresentada por meio de uma mídia particular.” (CHOPPIN, 2004, p. 554)

A segunda categoria seria aquelas pesquisas que abordam somente a circulação, o comércio, inserção destes materiais (CHOPPIN, 2004).

Choppin (2004) alerta que escrever a história dos livros escolares- ou simplesmente analisar o conteúdo de uma obra- sem levar em conta as regras do poder político, ou religioso, impõe aos diversos agentes do sistema educativo não faz qualquer sentido.

Por meio deste panorama apresentado, neste amplo quadro de teses e dissertações, pode-se perceber que o foco das pesquisas recai, em sua maioria, na sala de aula no uso que o professor faz do livro didático. Temas que podem ser

inseridos na primeira categoria de Choppin (2004). Já sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no ensino de história ou então o uso delas em um contexto geral, na escola, seriam as temáticas recentes, atualizadas frente a demanda da sociedade atual, nos fazendo pensar sobre um novo caminho ou novas abordagens para a pesquisa sobre ensino de história e a construção do pensamento histórico na sala de aula.

Tabela 1: Tabela de teses e dissertações

Título	Ano	Autoria	Local	Orientação	Prog. Pós-Graduação
Riscos e Bordados: O ensino de história E as tecnologias da informação	2004	Marta Leivas	UFRGS	Maria Stephanou	Mestrado em Educação
As tecnologias de informação e comunicação no ensino fundamental e médio	2012	Sidneia C. de Andrade Fernandes	Universidade Católica Dom Bosco	Dra. Maria C.L. P Lopes	Mestrado em Educação
Representações e usos das mídias na escola: de ferramentas para aumentar as motivações à possibilidade de produção crítica e criativa em mídia-educação.	2011	Leunice L.C da Silva	UFSC	Dra. Monica Fantin	Mestrado em Educação
Caderno virtual: a potencialidade das TICE no ensino e aprendizagem de história	2012	Herbert de Oliveira Timóteo	UEMG	Dra. Lana Mara de Castro Siman	Mestrado em Educação
Pensamento histórico em redes hipertextuais	2013	Murilo J. de Resende	USP	Dra. Katia M. Abud	Doutorado em Educação
O mercado do livro didático no Brasil: da criação do PNLD à entrada do capitalismo internacional espanhol (1985-2007)	2007	Célia C. de F. Cassiano	PUC- SP	Dr. Kazumi Munakata	Doutorado em Educação
Apropriação docente dos livros didáticos de história das séries iniciais do ensino fundamental	2009	Aléxia Franco	Unicamp	Dra. Ernesta Zamboni	Doutorado em Educação
Usos do livro didático de história: entre prescrições e táticas	2009	Araci R. Coelho	UFMG	Dra. Lana M de C. Siman.	Doutorado em Educação
Artes de fazer o ensino de história: professores, aluno, livro didático entre saberes admitido e inventivo.	2012	Jeferson R. da Silva	UEL	Dra. Ana H. Molina	Mestrado em História Social
Servitização no mercado brasileiro de livro didático: implicações organizacionais para as editoras.	2011	Silas C.F. Júnior	USP	Sra. Márcia T. da Silva	Escola Politécnica de Engenharia

Aula de história: cultura, discurso e conhecimento.	2006	Luísa T Andrade	UFMG	Dra. Lana Siman	Mestrado em Educação
O livro didático na batalha de ideias: vozes e saber histórico no processo de avaliação do PNLD.	2010	Yara C. Alvim	UFJF	Dra. Sonia R. Miranda	Mestrado em Educação
Professores analógicos e professores digitais: a prática docente frente às inovações tecnológicas.	2004	Valenska Suavi	UFSC	Dra. Tamara Benakouche	Mestrado em Educação

REFERÊNCIAS

ALVIM, Y.C. *O livro didático na batalha de ideias: vozes e saber histórico no processo de avaliação do PNLD*. 2010. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2010.

ANDRADE, L. *Aula de história: cultura, discurso e conhecimento*. 2006. 280 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

CASSIANO, C.C.F. *O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007)*. 2007. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas. *Educ. Pesq.*, v.30, n.3, p.549-566, 2004.

COELHO, A.R. Usos do livro didático de história: entre prescrições e táticas. 2009. 435 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

FERNANDES, S.C.A. *As tecnologias de informações e comunicação no ensino e aprendizagem de história: possibilidades no ensino fundamental e médio*. 2012. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2012.

FERREIRA JÚNIOR, S.C. *Servitização no mercado brasileiro de livros didáticos: implicações organizacionais para as editoras*. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

FRANCO, A.P. *Apropriação docente dos livros didáticos de história das séries iniciais do ensino fundamental*. 2009. 281 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

LEIVAS, M. *Riscos e bordados: o ensino de história e as tecnologias de informação e comunicação*. 2004. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

RESENDE, M.J. *O pensamento histórico em redes hipertextuais*. 2013. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

SILVA, J.R. Artes de fazer o ensino de história: professor, aluno e livro didático entre os saberes admitido e inventivo. 2012. 322f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2012.

SILVA, L.L.C. *Representações e usos das mídias na escola: de ferramentas para aumentar a motivação à possibilidade de produção crítica e criativa em mídia-educação*. 2011. 225 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

SUAVI, V. *Professores analógicos/professores digitais: a prática docente frente as inovações tecnológicas*. 2004. 110 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

TIMÓTEO, H.O. *Caderno virtual: a potencialidade das TICE no ensino e aprendizagem de história*. 2012. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.